



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

“ESTOU EXUBERANTE DE MEMÓRIA”: VELHICE
FEMININA E EXERCÍCIO CONFSSIONAL EM *THE
STONE ANGEL*, DE MARGARET LAURENCE



“I AM RAMPANT WITH MEMORY”: FEMALE OLD AGE
AND CONFSSIONAL EXERCISE IN *THE STONE ANGEL*,
BY MARGARET LAURENCE

Débora Lylian Abdias da COSTA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Flávia Gabriela da Silva BARBOSA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Letícia MALLOY
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 20/10/2023 • APROVADO EM 25/03/2024

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1198>

Resumo

Este estudo objetiva examinar aspectos da velhice feminina e de práticas rememorativas empreendidas por meio de exercício confessional disposto no romance *The Stone Angel*

([1964]1988), da escritora canadense Margaret Laurence. A narrativa apresenta a trajetória de vida de Hagar Shipley, uma mulher de noventa anos que empreende exercícios sistemáticos de rememoração de suas vivências. Ao recordar eventos que se estendem da infância à chegada da velhice, a narradora-protagonista faz uso do tom confessional, desnudando-se aos olhos do leitor. Para discutir a experiência rememorativa da personagem, que é mesclada a aspectos relacionados ao presente da narrativa, recorre-se à análise crítica desenvolvida por Brenda Beckman-Long (1997). Ao longo do exame da caracterização da protagonista e de suas relações com o entorno dialoga-se, também, com proposições teóricas formuladas por Ecléa Bosi (1994) e Norberto Bobbio (1994) acerca das práticas rememorativas desempenhadas por pessoas idosas. Recorre-se também ao estudo de Simone de Beauvoir ([1970]2018) sobre a experiência da velhice, à reflexão de Jean Améry (1994) sobre a melancolia experimentada pela pessoa idosa, à perspectiva de Julia Kristeva ([1988]1994) a respeito do sujeito que, não tendo necessariamente se deslocado para outro espaço geográfico, percebe-se estrangeiro, e à discussão proposta por Marcela Kafková (2016) acerca da transição da terceira para a quarta idade.

Abstract

This article aims at examining aspects concerning female old age and reminiscent practices undertaken through a confessional exercise in the novel *The Stone Angel* ([1964]1988), by the Canadian writer Margaret Laurence. The narrative presents the life story of Hagar Shipley, a ninety-year-old woman who undertakes systematic exercises to recall her own experiences. In recollecting events from childhood to old age, the narrator-protagonist adopts a confessional tone, laying herself bare to the reader. In order to discuss the character's recollective process, which is interspersed with aspects related to the narrative's present, the study turns to the critical analysis developed by Brenda Beckman-Long (1997). Throughout the study of the protagonist's characterization and of her relationship with her surroundings, the research also engages in a dialogue with theoretical propositions by Ecléa Bosi (1994) and Norberto Bobbio (1994) relating to reminiscent practices undertaken by old people. The article also turns to Simone de Beauvoir's ([1970]2018) study on the experience of old age, to Jean Améry's (1994) reflection on the melancholy experienced by old people, to Julia Kristeva's ([1988]1994) perspective on the subject who, not necessarily having moved to a different geographical space, perceives himself/herself as a foreigner, and to the discussion proposed by Marcela Kafková (2016) about the transition from third to fourth age.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Velhice feminina. Memória. Exercício confessional. Margaret Laurence.
Keywords: Female old age. Memory. Confessional exercise. Margaret Laurence.

Texto integral

Em março de 2023, o historiador brasileiro Leandro Karnal levantou, em programa do *YouTube* intitulado *Prazer, Karnal*, uma discussão sobre a temática da velhice, propondo-se a examinar duas respostas à seguinte pergunta: “Há beleza na condição velha de existir?”. No episódio intitulado “Leandro Karnal desafia o *ChatGPT*”, a primeira das respostas foi formulada pela referida inteligência artificial, ao passo que a segunda foi dada pelo cantor e compositor Gilberto Gil. Segundo o *ChatGPT*,

[s]im, há beleza na condição velha de existir. A velhice é uma fase da vida que pode trazer muitas experiências enriquecedoras e uma nova perspectiva sobre o mundo. Ao longo dos anos, a pessoa acumula conhecimento, sabedoria e aprende a apreciar as coisas simples da vida.

A beleza da velhice está na sabedoria que a pessoa adquiriu, nas histórias que ela tem para contar e na compreensão profunda que ela tem sobre a vida.

Além disso, a velhice pode trazer uma maior liberdade e independência, uma vez que a pessoa já passou por muitas das responsabilidades que a vida pode trazer. A pessoa pode se concentrar em aproveitar as coisas simples, como um bom livro, um belo dia de sol ou uma conversa agradável com um amigo. A condição velha de existir pode trazer alguns desafios, como problemas de saúde e a solidão, mas isso não significa que não haja beleza e valor na experiência. (*ChatGPT apud Prazer, Karnal, 2023*)

Gilberto Gil, por sua vez, afirma:

[s]ou obrigado a achar que sim, já que sou velho, né? Caetano tem um verso numa canção que fez para o pai dele que diz que o homem velho é o rei dos animais. No homem velho, já temos uma acumulação muito ampla, enfim, das coisas da vida. Já foi possível ao homem velho acessar muitas formas de conhecimento, muitas formas de questionamento sobre a vida e etc. etc. Além disso, a velhice é o momento de mais aproximação com essa finitude. É o que temos. É onde estamos hoje. É o aqui e agora, quer dizer, não podemos mais nos valer dos sonhos, das quimeras, enfim, juvenis e etc. Já estamos aqui, já somos velhos e, não sei com que brevidade, mas, daqui a algum tempo, estaremos extintos. (*Gil apud Prazer, Karnal, 2023*)

É de se observar que a resposta ofertada pelo *ChatGPT* se vale de uma perspectiva homogeneizante e, em certa medida, ingênua sobre a experiência do envelhecimento. Ao estender à vivência dos sujeitos idosos de modo geral aspectos como liberdade, independência, compreensão profunda da existência e aproveitamento das coisas simples da vida — ainda que tais sujeitos possam ser visitados pela enfermidade e pela solidão —, a inteligência artificial parece assumir a premissa de toda pessoa velha dispõe de tranquilidade financeira, capacidade de autodeterminação e clareza quanto ao sentido de sua trajetória. A reflexão desenvolvida pelo artista baiano, por outro lado, debruça-se sobre a consideração de que a velhice se compõe de elementos dialéticos, sendo possível ao idoso usufruir de conhecimentos acumulados ao mesmo tempo em que é visitado pela angustiante consciência tanto da impossibilidade de projeção de um futuro quanto da proximidade da morte.

A resposta complexa elaborada por Gilberto Gil vai ao encontro de proposições feitas por estudos advindos de diversas áreas do conhecimento, como os desenvolvidos pela filósofa Simone de Beauvoir ([1970]_2018), pelo cientista

político Norberto Bobbio ([1996]_1997) e pela socióloga Marcela Petrová Kafková (2016). Em *A velhice* (2018), Beauvoir assinala que o envelhecimento não deve ser examinado somente a partir de aspectos biológicos, mas por meio da consideração das estruturas socioeconômicas, políticas e culturais que balizam as experiências individuais de envelhecimento. Nesse sentido, a proposta da filósofa francesa desafia a aparente simplicidade atribuída à definição de velhice, distanciando-se do delineamento de figuras estereotipadas, providas de possíveis fragilidades físicas, cabelos brancos e sexualidade contida. No campo da Filosofia e da Ciência Política, Norberto Bobbio (1997) traz à discussão os esforços sistemáticos de rememoração empreendidos pelo idoso, realçando a potencial vivacidade intelectual experimentada na velhice. Na esfera da Gerontologia Social, encontram-se contribuições como as de Marcela Kafková (2016), que discute a construção de dois operadores conceituais, quais sejam, a terceira e a quarta idades, e os fatores que determinam a transição de uma etapa à outra. O campo literário não se furta à discussão sobre a velhice e, por isso, conta com exemplares de textos literários que lhe têm conferido atenção por meio do estabelecimento de combinações entre o tratamento estético reservado à temática e as modulações históricas por meio das quais ela se manifesta. Um exemplo do tratamento literário conferido à velhice se encontra no romance *The Stone Angel* ([1964]1988), da escritora canadense Margaret Laurence.

A obra consiste em romance confessional narrado pela protagonista Hagar Shipley, uma mulher de noventa anos que, em meados do século XX, mora na fictícia cidade canadense de Manawaka junto do filho Marvin e de Doris, sua nora. Fragilizada em razão da senilidade, Hagar opera um escrutínio de sua trajetória de vida, procurando, a partir de sistemáticos exercícios rememorativos, avaliar suas decisões, erros, segredos e arrependimentos. A personagem observa ter lembranças em exuberância — “I am rampant with memory” (Laurence, 1998, p. 5) — e, a partir disso, dedica-se a avaliar suas escolhas e experiências. Em um movimento que oscila entre o relato de vivências do presente narrativo e de um passado que a remete à infância, à adolescência e à vida adulta, a personagem toma como matéria de análise suas próprias experiências, investindo em uma jornada introspectiva por meio da qual busca avaliar-se e conhecer-se. Ao empreender tal esforço, Hagar parece aproximar-se da perspectiva de Norberto Bobbio a respeito do que este considera ser o elemento central à velhice, qual seja, a memória; segundo Bobbio, “[o] mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos” (1997, p. 30).

Em artigo intitulado “The Stone Angel as a Feminine Confessional Novel”, a crítica literária Brenda Beckman-Long se reporta ao romance escrito por Margaret Laurence como um esforço por forjar um novo gênero confessional: o feminino (1997, p. 48). Beckman-Long realça o fato de que, ao longo da História, o exercício confessional esteve fundamentalmente associado à experiência masculina, tendo encontrado em Santo Agostinho (1997, p. 49) as bases de seu desenvolvimento. Ao deslocar uma mulher para o centro da narrativa, Laurence subverte as expectativas sedimentadas em torno do gesto confessional. Pode-se afirmar que tais expectativas são ainda mais abaladas pelo fato de a protagonista ser uma

mulher de idade avançada, isto é, por se tratar de uma sorte de personagem não costumeiramente colocada sob os holofotes no âmbito literário. Ao examinar seu percurso de vida, Hagar Shipley desvela segredos, enfrenta remorsos e submerge em uma jornada de autodescobrimento. Tal jornada se orienta, em importante medida, pela avaliação das interações sociais estabelecidas pela personagem no passado e em sua velhice. Como observa Ecléa Bosi (1994, p. 17), o ato de lembrar é contingenciado pela qualidade das relações entabuladas entre o sujeito idoso e as esferas pública e privada, assim como por recortes de gênero e classe social. Com efeito, as lembranças de Hagar Shipley são organizadas em função dos valores patriarcais que orientaram toda a vida da personagem, e, também, das pressões decorrentes de sua dependência financeira em relação ao filho Marvin ao longo da velhice.

No processo de rememoração de sua jornada, Hagar desvenda camadas de sua identidade e forja uma conexão profunda consigo mesma. Suas memórias atuam como fragmentos de um quebra-cabeça, fornecendo pistas cruciais para a compreensão de suas motivações, comportamentos atuais e experiências passadas. Ao revisitar essas memórias, a personagem acaba por acessar traços de si que ela mesma desconhecia e por imergir, assim, em uma experiência de autoconhecimento. Tal experiência ocorre paralelamente à sua fragilização física e à perda de autonomia. Hagar vivencia, nos termos apresentados por Marcela Kafková no campo da Gerontologia Social, a transição da terceira para a quarta idade:

[...] a quarta idade incorpora todos os medos da velhice; ela traz fragilidade, desamparo e perda de autonomia. Para as pessoas ativas na terceira idade, os que estão na quarta idade representam ‘os outros’. (Gilleard – Higgs 2000) A quarta idade é ‘eles’, deficientes e passivos, contra ‘nós’, saudáveis e ativos. (Hasmanová Marhanková 2013)” (Kafková, 1994, p. 623, tradução nossa)¹

O declínio experimentado pela narradora-protagonista com a chegada da quarta idade, expresso tanto pela debilidade física quanto por episódios de esquecimento de eventos recentes (não obstante a vivacidade de sua memória relativa a eventos de um passado distante), implica, por exemplo, a perda de autonomia e de privacidade quanto ao uso do espaço de seu quarto:

A porta do meu quarto não tem tranca. Eles dizem que é porque posso me sentir mal durante a noite, e então como eles poderiam entrar para cuidar de mim (cuidar — como se eu fosse uma safra, uma safra comercial). Assim, eles podem entrar em meu quarto quando quiserem. A privacidade é um privilégio não concedido aos idosos ou aos jovens. Por vezes, crianças muito jovens podem olhar para os idosos, e um olhar é trocado entre eles, conspiratório, astuto e conhecedor. É porque

¹ “[...] the fourth age embodies all the fears of old age; it brings fragility, helplessness and loss of autonomy. For active people in the third age, fourth agers represent ‘the others’. (Gilleard – Higgs 2000) The fourth age is ‘them’ disabled and passive versus ‘us’ healthy and active. (Hasmanová Marhanková 2013)” (Kafková, 1994, p. 623)

nenhum deles é humano para os que estão no meio, aqueles que estão em seu auge (...). (Laurence, 1988, p. 6, tradução nossa)²

Cabe cotejar a perspectiva de Hagar Shipley com o disposto no ensaio *On Aging: Revolt and Resignation* ([1968]1994), do ensaísta austríaco Jean Améry. Nesse estudo, Améry se vale da premissa de que a velhice afeta profundamente a identidade e a autopercepção do sujeito, suscitando neste avaliações melancólicas a respeito da perda de vitalidade e das limitações físicas que lhe são imputadas. Embora Hagar passe por essa experiência limitativa, a personagem não se curva a um estado de languidez e passividade; pelo contrário, investe intensamente em uma jornada de autoavaliação, revisitando decisões tomadas e erros cometidos. Ao fazê-lo, observa: “Estou realmente pensando nas coisas não resolvidas. Como é difícil concentrar-se em assuntos primordiais. Há algo sempre se intrometendo. Eu nunca tive um momento para mim mesma, esse tem sido o meu problema.” (Laurence, 1988, p. 92-3, tradução nossa)³.

A organização da narrativa é qualificada, desse modo, pelo comportamento introspectivo da protagonista, que se isola mentalmente de seu entorno, ainda que conte com a assistência de seu filho e de sua nora. Em virtude do estado de saúde debilitado, Hagar se vê impossibilitada de cuidar de si. Como consequência de sua perda de autonomia, a narradora-protagonista é implicada em relações familiares que a infantilizam e desconsideram sua capacidade de autodeterminação. A recusa da personagem quanto à velhice passiva, à perda de sua autonomia física e ao enfrentamento da realidade imposta pela chegada da quarta idade é expressa em passagens como aquela em que percebe não se enquadrar na figura apaziguadora de “[...] velhinhas se alimentando como dóceis coelhos nas folhas de alface de outros tempos, de outros costumes.” (Laurence, 1988, p. 5, tradução nossa)⁴. Fumante — para a contrariedade do filho — e arredia, a idosa evita a interação com Marvin e Doris e investe em uma experiência solitária de autoavaliação. No âmbito de suas memórias, Hagar possui autonomia o bastante para dizer de si e para analisar os traços de sua identidade. O exercício introspectivo resulta, também, da dificuldade de a personagem olhar para fora e se reconhecer em seu corpo envelhecido. Como observa a narradora-protagonista, restaram de si apenas os olhos:

Passei dos noventa, e esse número parece, de certa forma, arbitrário e impossível, pois quando olho em meu espelho e além da concha mutável que me abriga, vejo os olhos de Hagar Currie, os mesmos olhos escuros

² “The door of my room has no lock. They say it is because I might get taken ill in the night, and then how could they get in to tend me (tend—as though I were a crop, a cash crop). So they may enter my room any time they choose. Privacy is a privilege not granted to the aged or the young. Sometimes very young children can look at the old, and a look passes between them, conspiratorial, sly and knowing. It’s because neither are human to the middling ones, those in their prime (...).” (Laurence, 1988, p. 6).

³ “I’m really thinking of the things not settled. How hard it is to concentrate on prime matters. Something is forever intruding. I’ve never had a moment to myself, that’s been my trouble.” (Laurence, 1988, p. 92-3).

⁴ “[...] old ladies feeding like docile rabbits on the lettuce leaves of other times, other manners” (Laurence, 1988, p. 5)

de quando comecei a lembrar e a me notar. Nunca usei óculos. (Laurence, 1988, p. 34, tradução nossa).⁵

A personagem equipara seu corpo a uma concha, a uma membrana externa que não compõe sua identidade, mas escamoteia uma identidade encoberta. Aproximando-se o estranhamento de Hagar em face de seu corpo à ideia do estrangeiro, postulada pela filósofa e crítica literária Julia Kristeva, observa-se que idosa é confrontada, no limite, com a experiência da alteridade em si mesma. Como afirma Kristeva, “[v]iver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um outro” (1994, p. 21). O ensaísta Jean Améry, por sua vez, destaca que o estranhamento consistiria em parte da vivência da velhice, e que a ambiguidade de sentimentos e percepções da mulher idosa seria causada “[...] pela combinação de alienação de si e familiaridade consigo mesma, tendo [essa combinação] se tornado a harmonia completa em sua vida” (Améry, 1994, p. 41, tradução nossa)⁶.

A experiência de sentir-se estrangeira no próprio corpo é acentuada pela transição vivida pela personagem da terceira à quarta idade. Cabe observar, ainda na esteira das considerações de Marcela Kafková (2016, p. 623;629), que a delimitação da terceira e da quarta idades não ocorre a partir da identificação de faixas etárias precisas ou de uma idade em específico que assinale uma transição homogênea para todos os sujeitos. Segundo Kafková, afigura-se mais razoável identificar a chegada da quarta idade a partir da perda de autonomia física e intelectual do indivíduo. Aos noventa anos, Hagar Shipley não mais conta com o pleno controle de suas funções fisiológicas, e sua capacidade de discernimento e rememoração de eventos recentes é gradualmente limitada, a despeito do imenso esforço de rememoração de eventos pretéritos. Em uma atitude de negação da perda de autonomia física e intelectual relacionada a fatos recém-ocorridos e da ausência de autonomia financeira, a personagem empreende uma fuga da casa de seu filho, que deseja interná-la em uma instituição de longa permanência para idosos. A aceitação de sua condição física, que demanda cuidados, ocorre somente ao final da narrativa, quando a personagem é levada a uma entidade hospitalar.

Não importa a Hagar fazer-se entender pela família; importa avaliar-se. Isso é exemplificado por uma passagem em que, já no hospital, a idosa é visitada pelo neto. Em conversa com o jovem, a narradora-protagonista observa como eles pouco se conhecem. A constatação não a exaspera: importa mais a Hagar conhecer-se a si mesma do que deixar um legado ao filho e ao neto (Laurence, 1988, p. 296-297). A personagem alça, então, à aceitação da condição de estrangeira, tanto em relação a seu corpo quanto no que diz respeito ao olhar do outro. Pode-se afirmar que Hagar leva ao limite a vivência de sentir-se estrangeira, operando em termos similares aos dispostos por Julia Kristeva: “[o] estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos

⁵ “I am past ninety, and this figure seems somehow arbitrary and impossible, for when I look in my mirror and beyond the changing shell that houses me, I see the eyes of Hagar Currie, the same dark eyes as when I first began to remember and to notice myself. I have never worn glasses.” (Laurence, 1988, p. 34).

⁶ “[...] by the combination of alienation from, and familiarity with, herself, having [this combination] come to be the total harmony in her life” (Améry, 1994, p. 41).

estrangeiros [...]” (1994, p. 9). Desse modo, ao mesmo tempo em que se envolve em um exercício de autoconhecimento, Hagar aceita a distância que há entre si e os que estão a sua volta.

Cumpra tecer considerações sobre a matéria rememorada pela narradora-protagonista. Suas lembranças são decisivamente marcadas por recortes que dizem respeito ao gênero e à classe social. Ao visitar recordações da infância e das relações familiares, Hagar realça o fato de que o pai parecia nutrir o desejo de que ela não tivesse nascido uma menina: “Esperta como um chicote, ela é, aquela ali. Se ao menos ela fosse...’ E então ele parou, suponho que por ter percebido que, na sala de jantar, seus filhos, do jeito que eram, estariam ouvindo” (Laurence, 1988, p. 14, tradução nossa)⁷. De acordo com suas lembranças, seu nome nunca é enunciado pelo pai, figura de autoridade central em sua infância e adolescência: “O pai me examinou, com meu traje verde-garrafa e chapéu de penas. Desejei que ele me criticasse, que me dissesse que eu havia sido extravagante, e não que acenasse e acenasse como se eu fosse uma coisa, e dele” (Laurence, 1988, p. 43, tradução nossa).⁸

A própria personagem reconhece que ninguém, além de seu ex-marido, chamou-a simplesmente pelo nome. Ao longo dos anos, Hagar foi identificada, sobretudo, pelos papéis sociais que desempenhou, seja como filha e irmã, seja como esposa e mãe. Suas memórias, em importante medida, são marcadas pelas limitações impostas ao gênero feminino pela figura paterna, pela exigência — seguidas vezes autoimposta — de manutenção de aparências e pela relação conjugal. Hagar se descobre, na velhice, como resultado das expectativas nutridas em face de uma menina e de uma mulher vinda de uma família que conseguiu, pelos esforços do pai, um “self-made man”, ascender socialmente (Laurence, 1988, p. 17). A protagonista pontua que boa parte de suas escolhas teria sido pautada pelo orgulho e pelo julgamento que parte do olhar do outro. O primeiro episódio ilustrativo do comportamento orgulhoso de Hagar ocorre em sua infância, quando a menina é repreendida verbalmente e fisicamente. Por ter apontado, na frente de um cliente do estabelecimento comercial do pai, que havia insetos em meio a mercadorias, Hagar recebe pancadas de régua nas palmas das mãos. A criança não chora, e leva a postura de teimosia ao longo da vida: “Eu não deixaria que ele me visse chorar, eu estava tão furiosa” (Laurence, 1988, p. 9, tradução nossa)⁹.

Já na adolescência, o orgulho de Hagar é combinado à rigorosa necessidade de manutenção de aparências. A personagem se recorda de, em uma de suas andanças com as amigas, ter-se deparado com uma pilha de ovos de galinha quebrados, com pequenos pássaros ainda vivos: “[os] pintinhos, fracos, sem comida, ensanguentados e mutilados, presos pelo peso das cascas quebradas ao seu redor, tentavam rastejar como pequenos vermes, com as meias bocas abertas inutilmente em meio ao lixo. Eu só consegui ficar boquiaberta e ter ânsia de

⁷ “Smart as a whip, she is, that one. If only she’d been—’ And then he stopped, I suppose because he realized that in the dining-room his sons, such as they were, were listening.” (Laurence, 1988, p. 14).

⁸ “Father looked me over, my bottle-green costume and feathered hat. I wished he’d some fault, tell me I’d been extravagant, not nod and nod and as though I were a thing and his.” (Laurence, 1988, p. 43)

⁹ “I wouldn’t let him see me cry, I was so enraged.” (Laurence, 1988, p. 9).

vômito, eu e as outras, todas, exceto uma” (Laurence, 1988, p. 27, tradução nossa).¹⁰ Hagar é impactada pela atitude compassiva da companheira Lottie, a única jovem que se dispõe a interromper o sofrimento dos animais e a matá-los; a protagonista se recusa a matar os animais por uma questão de recato. Mais tarde, lembrando-se do ocorrido, a idosa confessa a falta de coragem e de piedade: “Era a única coisa a fazer, uma coisa que eu não poderia ter feito. E, no entanto, perturbou-me tanto que eu não tenha conseguido fazê-lo. Por que eu não consegui fazer aquilo? Melindre, suponho. Certamente, não por piedade” (Laurence, 1988, p. 27-28, tradução nossa)¹¹.

Outro episódio exemplificativo de seu orgulho ocorre na vida adulta, quando seu filho mais novo, Marvin, está prestes a sair de casa para servir na guerra. Hagar se nega a abraçá-lo, por mais que desejasse fazê-lo: “Mas eu não quis causar constrangimento a nós dois, ou que ele pensasse que eu havia perdido o juízo” (Laurence, 1988, p. 106, tradução nossa)¹². O receio de criar uma situação embaraçosa em virtude da simples demonstração de sentimentos acompanha a personagem ao longo da vida e fomenta um estado de incomunicabilidade emocional entre ela e as demais personagens.

Já na velhice, Hagar reflete sobre suas atitudes e escolhas, avaliando os erros cometidos em razão do orgulho e revelando segredos ao leitor. Apresentando-se com uma narradora confiável em virtude do exercício confessional, Hagar admite, por exemplo, a vergonha de ter sentido prazer em uma experiência sexual com seu marido: “Sua bandeira sobre mim era apenas sua própria pele, e agora eu não sei mais por que isso deveria ter me envergonhado. As pessoas pensavam de maneira diferente naquele tempo. Talvez algumas não. Eu não saberia dizer. Nunca conversei sobre isso com ninguém” (Laurence, 1988, p. 81, tradução nossa)¹³. Em passagem posterior, a idosa confessa sentir-se culpada por ter provocado a separação de John, seu primogênito, da namorada Arlene, admitindo o fato de que tal separação acabou por resultar na morte do filho (Laurence, 1988, p. 212-214).

É apenas por ocasião da fuga de casa, quando já está idosa, que Hagar se desembaraça dos esforços por controlar os eventos em que está implicada. Justamente em uma passagem em que tenta recobrar o controle do próprio destino, evitando sua internação em uma instituição de longa permanência para idosos, a personagem se dá conta, perdida em um bosque, de que não tem o poder de controle das aparências que sempre desejara. Seu contato com o meio natural na velhice é significativo por estabelecer uma rima visual que indica um estado de aprendizado, de esclarecimento. Às páginas iniciais do romance, a personagem

¹⁰ “[t]he chicks, feeble, foodless, bloodied and mutilated, prisoned by the weight of broken shells all around them, were trying to crawl like little worms, their half-mouths opened uselessly among the garbage. I could only gawk and retch, I and the others, all except one” (Laurence, 1988, p. 27)

¹¹ “It was the only thing to do, a thing I couldn’t have done. And yet it troubled me so much that I could not. [...] Why could I not have done it? Squeamishness, I suppose. Certainly not pity” (Laurence, 1988, p. 27-8).

¹² “But I did not want to embarrass both of us, or have him think I’d taken leave of my senses” (Laurence, 1988, p. 106).

¹³ “His banner over me was only his own skin, and now I no longer know why it should have shamed me. People thought of things differently in those days. Perhaps some people didn’t. I wouldn’t know. I never spoke of it to anyone” (Laurence, 1988, p. 81).

descreve o espaço de um cemitério visitado na infância e se incomoda com o fato de que prímulas, distintamente das outras flores ofertadas aos mortos, crescem sem qualquer regramento:

Como eu era ansiosa para ser limpa e organizada, imaginando que a vida havia sido criada apenas para celebrar a arrumação, como quando Pippa, a certinha, passava. Mas, às vezes, através da rajada de vento quente e desrespeitoso que sacudia os arbustos de carvalho e a grama grossa que invadia as devidamente cuidadas habitações dos mortos, o cheiro das prímulas levantava momentaneamente. Tinham raízes resistentes, essas flores selvagens e vistosas, e embora fossem retidas à beira do cemitério, arrancadas por parentes amorosos determinados a manter os lotes limpos e claramente civilizados, por um ou dois segundos quem caminhasse por ali podia sentir o cheiro fraco, almiscarado e tingido de poeira de coisas que cresciam sem cuidados, e que sempre haviam crescido (Laurence, 1988, p. 5, tradução nossa)¹⁴

Na maturidade, quando se encontra perdida em um bosque após a fuga da casa do filho Marvin, Hagar experimenta não desejar o controle do espaço por onde transita, como havia desejado na infância. Apenas atravessa esse espaço, observando o entrelace de plantas crescidas naturalmente:

As samambaias cobriram os degraus em alguns lugares, e os galhos de framboesa-salmão pressionam seus pequenos espinhos contra meus braços enquanto passo. Arbustos de barba-de-bode roçam contra mim como sátiros. Entre as folhas caídas e as pinhas marrons de abeto e bálsamo no chão da floresta, crescem aquelas flores brancas pontiagudas que costumávamos chamar de estrela-de-Belém. Consigo ver em lugares frescos e sombreados os rastros de sol espalhados como estrelas do mar pela terra úmida e almiscarada.

Não estou nem um pouco cansada, nem sobrecarregada. Eu poderia cantar” (Laurence, 1988, p. 151, tradução nossa).¹⁵

¹⁴ “How anxious I was to be neat and orderly, imagining life had been created only to celebrate tidiness, like prissy Pippa as she passed. But sometimes through the hot rush of disrespectful wind that shook the scrub oak and the coarse couchgrass encroaching upon the dutifully cared-for habitations of the dead, the scent of the cowslips would rise momentarily. They were tough-rooted, these wild and gaudy flowers, and although they were held back at the cemetery’s edge, torn out by loving relatives determined to keep the plots clear and clearly civilized, for a second or two a person walking there could catch the faint, musky, dust-tinged smell of things that grew untended and had grown always” (Laurence, 1988, p. 5).

¹⁵ “The ferns have overgrown the steps in some places, and salmonberry branches press their small needles against my arms as I pass. Bushes of goatsbeard brush satyr-like against me. Among the fallen leaves and brown needles of fir and balsam on the forest floor grow those white pinpoint flowers we used to call Star of Bethlehem. I can see into cool and shady places, the streaks of sun star-fished across the moist and musky earth.

I’m not weary at all, nor heavy laden. I could sing.” (Laurence, 1988, p. 151)

Perdida na mata, Hagar se abriga em um prédio abandonado e acaba por dividir o espaço com um homem de nome Murray. Se, de início, a idosa sente receio do companheiro com quem compartilha o refúgio, posteriormente estabelece com ele uma relação de confiança. Isso se dá pelo fato de ambos terem passado por uma experiência similar: a da morte de um filho. Narrando o evento traumático da perda do primogênito John ao homem desconhecido, Hagar traz à tona outra rima visual, por meio da afirmação de que “[n]a noite em que meu filho morreu, eu fui transformada em pedra e nunca mais chorei” (Laurence, 1988, p. 243, tradução nossa)¹⁶. Apenas na velhice, diante de um estranho, a personagem consegue de fato chorar a morte do filho e se desembaraça da projeção do anjo de pedra mencionado no título do romance que, com “sightless eyes” (1988, p. 3) — olhos cegos — havia sido colocado sobre o túmulo de sua mãe, morta quando de seu nascimento. Após o pranto, Hagar percebe ter superado o ímpeto de controle que orientou toda a sua trajetória de vida:

Não podia ter sido eu, Hagar Shipley, sempre meticulosa, para dizer o mínimo, quem bebeu com um perfeito estranho e caiu no sono aninhada a ele. Eu não acredito nisso. Mas foi assim. E, para ser franca, agora quando penso melhor, não parece ter sido tão terrível (Laurence, 1988, p. 249, tradução nossa)¹⁷

A mulher reconhece o momento de vulnerabilidade por que passou na frente de um estranho e, o que antes seria uma vergonha, torna-se uma experiência pacificadora. Em seus exercícios meditativos, Hagar se dá conta de como sua trajetória de vida foi permeada pela tentativa de controle das aparências. As sucessivas avaliações de seu ímpeto de controle levam-na a um momento de esclarecimento e aprendizado: “O orgulho foi a minha natureza selvagem, e o demônio que lá me levou foi o medo... [Eu] nunca fui livre, pois carreguei minhas correntes dentro de mim e elas se projetaram para fora de mim e agrilhoaram tudo em que toquei” (Laurence, 1988, p. 292, tradução nossa).¹⁸ A partir dessa reflexão, Hagar admite que o que sempre desejou era algo simples: “Eu devo ter sempre, sempre desejado isso – simplesmente me alegrar” (Laurence, 1988, p. 292, tradução nossa)¹⁹. No desfecho da narrativa, a personagem aponta que, ao examinar toda uma trajetória de vida, somente consegue se lembrar de dois feitos que a permitiram se sentir livre; o primeiro deles diz respeito a uma simples piada que contou, e o segundo consistiria em uma mentira: pensando em ser justa com Marvin, o filho que lhe oferece cuidados na velhice, Hagar afirma que este teria sido melhor que John, seu primogênito (Laurence, 1988, p. 307).

¹⁶ “[t]he night my son died I was transformed to stone and never wept at all” (Laurence, 1988, p. 243).

¹⁷ “It could not have been I, Hagar Shipley, always fastidious if nothing else, who drank with a perfect stranger and sank into sleep huddled beside him. I won’t believe it. But it was so. And to be frank, now that I give it a second thought, it doesn’t seem so dreadful” (Laurence, 1988, p. 249).

¹⁸ “Pride was my wilderness and the demon that led me there was fear... [I was] never free, for I carried my chains within me, and they spread out from me and shackled all I touched” (Laurence, 1988, p. 292)

¹⁹ “I must always, always, have wanted that—simply to rejoice” (Laurence, 1988, p. 292).

Ao afirmar que o que desejou durante toda uma vida foi simplesmente alegrar-se, Hagar Shipley ensaia uma resposta à indagação encontrada em um dos textos mais célebres das literaturas de língua inglesa. Trata-se de “The Wife of Bath’s Tale”, de Geoffrey Chaucer. Neste texto, pergunta-se o que as mulheres mais desejam (Chaucer, 2017, p. 423); se as personagens de Chaucer, no século XIV, respondem que desejam o poder, entendendo-se por poder a possibilidade de autodeterminação, Hagar ecoa, em uma narrativa estruturada no século XX, o desejo de liberdade para ser quem é e alegrar-se com isso, independentemente dos papéis que lhe foram atribuídos em função do gênero e da classe social.

Nos últimos parágrafos da obra, Hagar, internada em um hospital, encontra-se extremamente fragilizada, mas consciente de sua trajetória. Em seus instantes finais, a idosa pede que uma enfermeira lhe dê um copo de água, mas não aceita que a profissional segure o copo por ela. Por um lado, a narradora-protagonista se dá conta da permanência de seu orgulho ao não aceitar a ajuda da enfermeira; por outro, sinaliza, a partir da avidez com que segura o copo e toma a água, o desejo de se apropriar da vida:

‘O que você pensa que eu sou? Por quem você me toma? Aqui, dê-me isso. Oh, pelo amor de Deus, deixe-me segurá-lo eu mesma!’

Eu só perco para mim mesma ao não aceitá-la. Eu sei disso – eu sei disso muito bem. Mas não consigo evitar – é minha natureza. Vou beber deste copo ou irei derramá-lo, como eu quiser, não vou consentir que outra pessoa o segure para mim. E, no entanto, se ela estivesse no meu lugar, eu a acharia tola e afastaria suas mãos, certa de que eu poderia segurá-lo melhor para ela. Arranco dela o copo, cheio de água para tomar. Eu o seguro em minhas próprias mãos. Pronto. Pronto.

E então– (Laurence, 1988, p. 308, tradução nossa)²⁰

A narrativa é concluída de forma abrupta, enquanto a personagem inicia a enunciação de uma sentença. É interessante observar que o desfecho de Hagar se dá por meio da expressão de um desejo: o de saciar a sede. Quanto a esse aspecto, a protagonista se aproxima de outra Hagar, personagem bíblica que, na condição de escrava, tem um filho com Abraão. Além de carregarem o mesmo nome, as duas personagens têm as trajetórias aproximadas pela necessidade do atendimento das obrigações de companheira e mãe que lhes foram imputadas. Assim como a narradora-protagonista de *The Stone Angel*, a escrava tem sua última aparição associada ao contato com a água: sozinha no deserto com seu filho, Ismael, Hagar

²⁰ “What do you think I am? What do you take me for? Here, give it to me. Oh, for mercy’s sake let me hold it myself!’

I only defeat myself by not accepting her. I know this—I know it very well. But I can’t help it—it’s my nature. I’ll drink from this glass, or spill it, just as I choose, I’ll not countenance anyone else’s holding it for me. And yet—if she were in my place, I’d think her daft, and push her hands away, certain I could hold it for her better.

I wrest from her the glass, full of water to be had for the taking. I hold it in my own hands. There. There.

And then— (Laurence, 1988, p. 308).

avista, por intercessão divina, um poço (Gênesis, 21:19). A partir do contato com a água, Hagar Shipley, à semelhança da personagem bíblica, tem encerrado seu ciclo existencial de restrições e controle. Tal possibilidade se realiza pelo esforço de autoavaliação, que a conduz à gradual aceitação de sua vulnerabilidade e à posterior vivência do esclarecimento e da liberdade.

Referências

AMÉRY, Jean. *On Aging: Revolt and Resignation*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 2. ed. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BECKMAN-LONG, Brenda. The Stone Angel as a Feminine Confessional Novel. In: RIEGEL, Christian (Org.) *Challenging Territory: The Writing of Margaret Laurence*. Alberta: University of Alberta Press, 1997.

BOBBIO, Noberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Canterbury*. Edição bilíngue. Trad. Paulo Vizioli. São Paulo: Editora 34, 2017.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KARNAL, Leandro. *Leandro Karnal desafia o ChatGPT*. YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OONpZy0sTqo&ab_channel=Prazer%2CKarnal-CanalOficialdeLeandroKarnal. Acesso em: 10 mar. 2023.

KAFKOVÁ, Marcela P. The "Real" Old Age and the Transition Between the Third and Fourth Age. *Sociológia – Slovak Sociological Review*, v. 48, n. 6, p. 622-640, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311716743_The_Real_Old_Age_and_the_Transition_between_the_Third_and_Fourth_Age_1. Acesso em: 01 mar. 2023.

LAURENCE, Margaret. *The Stone Angel*. Toronto: New Canadian Library, 1988.

Para citar este artigo

COSTA, Débora Lylian Abdias da; BARBOSA, Flávia Gabriela da Silva; MALLOY, Letícia. "Estou exuberante de memória": velhice feminina e exercício confessional em *The Stone Angel*, de Margaret Laurence. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 282-295, jan.-abr. 2024.

Débora Lylian Abdias da Costa é discente do curso de graduação em Letras – Português e Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). É participante do projeto de pesquisa “Velhice, memória e expressões do feminino na ficção de língua inglesa contemporânea”, sob a orientação da professora Letícia Malloy (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil). Email: dlylianc@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-6201-1421>.

Flávia Gabriela da Silva Barbosa é discente do curso de graduação em Letras – Português e Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). É participante do projeto de pesquisa “Velhice, memória e expressões do feminino na ficção de língua inglesa contemporânea”, sob a orientação da professora Letícia Malloy (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil). Email: flavia.gabriela.barbosa.016@ufrn.edu.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2404-891X>.

Letícia Malloy é professora adjunta do curso de graduação em Letras – Português e Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Possui mestrado em Estudos Literários (2013) e doutorado em Estudos Literários (2017) pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil). É líder do grupo de pesquisa Literatura e Estudos Etários, certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasil). É alumna do Instituto de Literatura Norte-Americana Contemporânea (2023) da University of Montana e do Bureau of Educational and Cultural Affairs (U.S. Department of State). Email: leticia.malloy@ufrn.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2315-4961>.